

## RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

### 307. TESTEMUNHO DO ISOLAMENTO PAULISTA

Em fins do século XVII, precisamente em 1696, passou pelo litoral de São Paulo, ancorando em Santos e em São Vicente, o navio do Senhor De Gennes, em viagem de circunavegação. Com ele, vinha o Senhor De Froger, que, dois anos depois publicaria em França o relato dessa expedição, um dos mais raros títulos da vasta literatura de viagens de interesse para o nosso país. Nem Froger, nem o comandante de seu navio vieram a São Paulo. Ficaram no litoral. Mas o cronista informou que, no alto das grandes montanhas que dali se avistavam, ou seja a escharpa da Serra do Mar, havia um burgo inteiramente isolado do resto do mundo, que mais parecia com covil dos bandidos de todas as nações, vivendo sem lei nem rei, não permitindo que pessoa alguma lá chegasse. Conceito um tanto contraditório, pois se não se permitia que lá alguém chegasse, como pôde tornar-se um agrupamento de gente de todas as nações?

Onde teria o navegador francês ouvido isso? Quem lhe teria informado tal absurdo? É a fama que corria por todo o litoral sobre os paulistas, em grande parte divulgada pelos cronistas jesuítas, os quais, com boas razões, não podiam mesmo gostar dos paulistas. Não nos esqueçamos de que a gente de São Paulo, durante cerca de meio século, não fez outra coisa senão procurar

destruir as reduções jesuíticas do Sul do Brasil, a fim de escravizar os indígenas ali aldeados.

Mas o depoimento do viajante francês vale como testemunho do isolamento em que São Paulo viveu durante quase todo o longo período colonial, resultante de condições geográficas bem conhecidas, criando, para a nossa terra, uma configuração sócio-econômica toda especial dentro da comunidade brasileira.

Todos quantos têm estudado mais profundamente a história paulista ressaltam algumas características que marcaram a fisionomia de São Paulo nos tempos coloniais, contrastando-a com a de outras regiões do Brasil: a pequena propriedade, a agricultura de subsistência, a policultura, as atividades vinculadas ao apresamento indígena, a expansão geográfica, a pobreza de sua sociedade, o pouco lustre de sua vida cultural, o nomadismo imposto pelas atividades a que se dedicou, o espírito de altivez, o arrojo e a tenacidade do grupobandeirante naquelas aventuras que impressionaram os próprios homens do governo reinol.

Tudo isso convida-nos aos estudo de uma história menos épica e mais humana, uma história na qual o povo apareça, como o fizeram, entre outros, Alcântara Machado, Otoniel Mota, Paulo Prado, Belmonte, Ernani da Silva Bruni, Mário Neme...

Longe do fausto e da opulência da sociedade patriarcal nordestina, o que a documentação paulista nos revela é precisamente o oposto: um núcleo de extrema pobreza, sem igual no país, a tal ponto que seus filhos precisaram deixá-lo para tentar a vida em outras áreas do Brasil. Daí, o movimento quase ciclópico de expansão paulista por quase todo o país e nas várias modalidades - apressamento, pastoreio e mineração - as quais só podem ser entendidas uma vez consideradas as condições físicas, sociais e econômicas que condicionaram a vida do Planalto. O assunto comportará outra nota. (14-9-1996)

\*

### **308. A PROPÓSITO DA EXPANSÃO PAULISTA**

Concluí a nota anterior lembrando que a pobreza da Capitania de São Paulo no século XVII levou seus habitantes a tentarem a vida em outras

áreas do país. Daí, o movimento quase ciclópico da expansão paulista nas suas várias modalidades - apressamento, pastoreio e mineração - as quais só podem ser entendidas uma vez consideradas as condições físicas, sociais e econômicas que marcaram a vida do Planalto.

Porém, muito pouco beneficiou-se São Paulo da expansão que seus filhos empreenderam em dilatadas regiões do Brasil. Ao contrário: representou o bandeirismo verdadeira sangria na população planaltina, com a corrida para os centros onde o ouro fora descoberto e junto aos quais estabeleceram os paulistas seus arraiais, origem de numerosas cidades.

Raríssima a cidade das regiões de mineração que não tenha resultado de uma fundação paulista. E não só nas Minas Gerais. Esta foi a primeira, o ponto de partida da grande expansão do século XVIII. Mal sucedidos nas Minas, os revezes sofridos pelos paulistas na chamada "Guerra dos Emboadas" - escrevi alhures - incitam-nos a procurar novos rumos para a sua expansão. Dentro de alguns anos, novos veios auríferos serão revelados, em Mato Grosso e em Goiás, incorporando essas extensas regiões do centro-oeste brasileiro à área de sua influência e garantindo para Portugal a posse definitiva de tão dilatados território quando, em 1750, tiveram de ser delimitadas as fronteiras entre a América Espanhola e a América Portuguesa".

O povoamento e conseqüente desenvolvimento das regiões de mineração tornaram-nas dentro em pouco capitâncias autônomas, destacadas de São Paulo, de maneira que, ao atingir os meados do século XVIII, a primitiva capitania paulista viu-se reduzida a menos de um terço de sua área original.

O despovoamento - quantitativo e qualitativo - levou-a a tais condições de decadência, que redundou em sua própria extinção. Em 1748, desaparecia a Capitania de São Paulo, simplesmente anexada à do Rio de Janeiro. Dezessete anos perdurou essa situação, único hiato em toda a história administrativa de São Paulo. Em 1765, era restaurada a Capitania Paulista, mas compreendendo apenas o atual Estado de São Paulo e mais o Paraná, que este, só em meados do século passado, já no Segundo Reinado, seria constituído em província autônoma, o último dos cortes sofridos por São Paulo em sua quadriseular história.

Tendo como base a cultura da cana-de-açúcar no interior da Capitania, configurou-se nova fisionomia para o território paulista. A política povoadora do Morgado de Mateus (primeiro governador do São Paulo "restaurado") levando a ocupação do solo, mediante concessão de sesmarias, até quase metade do atual território, quando, antes, a linha do povoamento detinha-se nas bordas da depressão periférica, encontrou na preciosa gramínea

todo o seu apoio. Inúmeras cidades de hoje devem seu desenvolvimento (e às vezes suas próprias existências) a essa atividade. Campinas e Itu são dos melhores exemplos.

Dentro do chamado "quadrilátero do açúcar", as atividades subsidiárias se desenvolvem como ancilares da cultura canavieira e um esboço de vida urbana vai se delineando mais para o fim do século, quando diversos núcleos de povoamento, alegando o desenvolvimento da cultura da cana e da produção de seus engenhos, foram criados em freguesias e posteriormente em vilas, com a instalação do competente poder municipal. Nova fase abre-se, portanto, à história paulista. Retornarei ao assunto oportunamente. (21/9/1996).

\*

### 309. SANTO ODILON E O DIA DE FINADOS

Lembrança das mais marcantes que me ficou de alguns anos da infância passados numa então pequena cidade do interior (atualmente uma das maiores do Estado), é a que se refere à comemoração dos mortos no chamado "Dia de Finados". Tenho, viva na memória, a movimentação que tal ocorrência causava na vida da cidade. Ninguém deixava de ir ao cemitério. O extenso caminho que conduzia à "mansão dos mortos", na época praticamente fora da área urbana, oferecia inesquecível espetáculo de romaria com imensa multidão portando coroas e flores numa homenagem aos entes queridos.

A comemoração, aliás, começava na véspera, no chamado dia de "Todos os Santos". Todo mundo se compenetrava do significado dessa homenagem aos mortos, traduzido especialmente no respeito e no silêncio implícitos à própria natureza do evento. Juntamente com a Sexta-feira Santa, era Finados o dia mais triste do ano.

A cidade grande, onde passei a viver pouco depois, fez eliminar muito desse cerimonial ou, melhor dizendo, fê-lo adaptar-se às necessidades da vida moderna. Seu significado, obviamente, jamais desapareceu.

Foi para mim uma surpresa agradável e incrível satisfação descobrir, um dia, pela leitura de uma obra histórica, que nem me ocorre hoje qual tenha sido, que o dia de Finados, para mim de tanta recordação, fora instituído há mil

anos por um meu xará, um dos poucos Odilons que a história registra. Trata-se de Santo Odilon, abade do famoso mosteiro de Cluny, que instituiu, no ano de 978, esse dia especial dedicado à evocação dos mortos, logo no dia seguinte àquele em que a Igreja comemorava (aliás, ainda comemora) o dia de "Todos os Santos".

A formabrasileira de Odilon deveria ser Odilão, que aparece de vez e quando (temos na própria Igreja brasileira um conhecido antístite assim denominado), como também apareça forma Odilo. Mas é muito mais freqüente o emprego da forma original francesa.

Deve-se lembrar, contudo, que muito antes de meu "xará", a Igreja já comemorava os mortos embora não de maneira tão sistemática. As mais antigas "missas de defuntos" remontam ao século quinto, isto é de quando começou a se tornar expressiva a expansão do cristianismo para a Europa ocidental. Lembremos, ainda, que a Igreja sempre comemorou mais a morte do que o nascimento dos seus santos. Os dias que lhe são consegrados referem-se sempre à morte, ou seja o verdadeiro nascimento para a Eternidade. Do nascimento propriamente dito raramente se sabe. É o caso do abade de Cluny, nascido aproximadamente em 962 e falecido a 1º de janeiro de 1049, razão pois de comemorar-se o seu dia no dia primeiro do ano.

De Santo Odilon, que se notabilizou pelo dia de Finados, só as enciclopédias católicas dele tratam com mais pormenores. Ou, então, a "Vida dos Santos", a grande obra de Butler, recentemente divulgada no Brasil pela Editora Vozes, de Petrópolis. Realmente, sua obra foi imensa, confundindo-se com a própria crônica de Cluny, que representa um dos pontos mais altos do catolicismo medieval, num admirável processo de reforma sem ruptura. Numerosos exemplos de virtude e de sabedoria granjearam a Odilon a estima de papas e reis, que fizeram questão de tê-lo como amigo.

A conhecida enciclopédia Espasa Calpe menciona um outro Santo Odilon, de origem belga e que viveu quase cem anos antes do famoso abade de Cluny, e que deveria ser comemorado a 28 de outubro. Mas, a obra de Butler, tão minuciosa e tão criteriosa quanto às fontes, sequer o menciona. Com a palavra os que conhecem melhor que eu a história da Igreja, para nos esclarecer sobre esse outro meu xará... (2-11-1996)

### 310. PAULISTANISMO NECESSÁRIO

Há cinco anos, quando o 25 de janeiro coincidiu com um sábado, dia de circulação desta folha, tive oportunidade de publicar uma nota, à qual intitulei "Uma data não apenas paulistana", mostrando que o dia da fundação de São Paulo não devia ser visto como uma data que interessasse apenas à Capital, mas também ao Estado, pois íntimas são as relações históricas entre um e outro. Não sendo de bom tom repetir coisas já escritas, aproveitei o 25 de janeiro deste ano para lembrar o interesse que nos deve despertar o estudo da história de São Paulo. Nos cinco anos que nos separam da nota anterior, diversos artigos publiquei, aqui e alhures, procurando incentivar o conhecimento de nosso passado, a exemplo do que vem sendo feito, com muita propriedade, em outras regiões do Brasil. E quando se considera que, historicamente, todas as regiões de nosso país estão vinculadas a São Paulo, sentimos com maior responsabilidade o estudo de nossa história.

Escrevi, há algum tempo, analisando a obra do historiador paranaense Romário Martins, sobre o sentimento "paranista" que se manifesta freqüentemente no Estado vizinho. Estado que, como todos sabem, pertenceu a São Paulo até meados do século passado; foi o último corte sofrido pelo nosso território, do qual, anteriormente, já haviam sido desmembrados Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Conscientizou-se o então novo Estado paranaense de sua importância histórica e daí o empenho no estudo de seu passado. Foi o próprio Romário Martins quem criou o termo "paranismo" para designar esse interesse por tudo quanto se refere ao Paraná.

E não é o único caso. Há um "gauchismo", um "mineirismo", um "baianismo", um "pernambucanismo", todos muito atuantes e que, dentro do espírito mais elevado, cultuam as tradições de seus Estados. E eu pergunto: quando vamos ter um "paulistanismo" que também nos leve ao interesse por tudo quanto for de nosso Estado, como acontece nas outras unidades da Federação?

Isto não significa pregar o "bairrismo", sentimento mesquinho que mais avilta do que eleva. E nem poderia ser bairrista o Estado mais cosmopolita do Brasil, com gente de todos os quadrantes do país e do mundo. Talvez o único Estado onde nunca se indagou da procedência de seus homens públicos, tendo tido, ao longo de sua história, numerosos de outros Estados, a começar por presidentes e governadores. Bernardino de Campos era mineiro, Albuquerque Lins era alagoano, Washington Luís era fluminense, Jânio Quadros era mato-grossense... E quantos, dentre os que se destacaram na

cultura, na política, na economia, na vida social! E isto quando se considera que em diversos outros Estados, suas constituições exigem que os governadores sejam naturais do Estado...

Se relembro este pormenor é tão só para recordar o papel histórico de São Paulo na nacionalidade brasileira. E é estranho que, com toda essa responsabilidade histórica, seja São Paulo o Estado que menos estuda a sua história. Entre alguém numa livraria e procure uma "História de São Paulo". Ouvirá a dolorosa resposta: "Não existe..." E não existe mesmo. Há, isto sim, muitas obras especializadas, tratando de vários assuntos relacionados a São Paulo, muitas resultantes de teses ou monografias universitárias. Mas não há o livro de síntese, aquele que poderia interessar ao povo, para que ele aprendesse a nossa história. E quantos existem nos outros Estados! E no entanto, já tivemos. Os livros pioneiros de Tancredo do Amaral e de Rocha Pombo, ambos do início do século, traziam em suas capas a preciosa indicação: "Adotado nas escolas públicas do Estado". Quer dizer, já se estudou a História de São Paulo. Por que não estudá-la de novo? (25-1-1997).

